

prazer e rebeldia

joão da mata*

Este artigo tem como objetivo apresentar o materialismo hedonista de Michel Onfray e pensar as possibilidades de uma ética hedonista na atualidade articulada com o pensamento e a ação anarquista no cotidiano. Sua obra propõe um cruzamento entre a ética e a estética da existência, firmando-se como um pensamento ético singular, onde o Bem é moldado por valores estéticos, que tem como propósito dar à vida um sentido libertário e jubiloso.

Michel Onfray é um filósofo francês cuja obra ainda encontra-se em fase de construção e desenvolvimento. Doutor em Filosofia, autor consagrado em seu país e atualmente coordenador da Universidade Popular de Caen,¹ no norte da França, cuja intenção é realizar uma universidade aberta e libertária, com aulas gratuitas de filosofia, artes, política, estética e outros temas. Ao definir-se como um “nietzschiano de esquerda”, Onfray inspira-se em Georges Palante, um dos primeiros leitores de Nietzsche na França que assumiu uma posição de esquerda ainda no período pré-Segunda Guerra

* João da Mata é somaterapeuta, psicólogo, Mestre em Filosofia/UGF e Doutorando em Sociologia Econômica e das Organizações no ISEG/UTL. Membro do Coletivo Anarquista Brancaleone. Autor de *A liberdade do corpo*, ed. Imaginário e *Prazer e rebeldia – o materialismo de Michel Onfray*, ed. Achiamé.

Mundial. Depois dele, vieram Roger Caillois e Georges Bataille, e por fim Foucault e Deleuze: gerações que, segundo Onfray, leram Nietzsche com um posicionamento de esquerda.

Influenciado também por pensadores libertários como Gustave Blanqui e Max Stirner, Michel Onfray propõe-se a pensar como se pode ser anarquista hoje em dia: longe das máquinas revolucionárias, como os partidos socialistas, por exemplo, que aspiravam à derrocada do Estado e à criação de uma sociedade ideal. Em *Política do Rebelde*, Onfray interroga-se sobre isso, quando pensa neste fim de milênio e início de um novo, sobre o anarquismo e uma “filosofia libertária, levando em consideração duas guerras mundiais, o holocausto de milhões de judeus, os campos de concentração do marxismo-leninismo, as metamorfoses do capitalismo entre o liberalismo desgrenhado dos anos 70 e a globalização dos anos 90 e, principalmente, o pós-Maio de 68.”² Segundo o autor, para pensar o anarquismo hoje é preciso atuar aqui e agora, libertariamente, na relação consigo mesmo, com os demais e com o mundo. Esta noção de vida libertária que o autor defende está presente em seu materialismo hedonista e é a proposta de um anarquismo visceral, cotidiano, que se dê na esfera da micro-sociedade, procurando combater as hierarquias que se estabeleçam enquanto jogos de poder.

Atualmente, além das aulas e seminários que organiza em Caen, Michel Onfray dedica-se ao mais amplo e ousado projeto de sua carreira: percorrer a história da filosofia e buscar figuras que foram “esquecidas” na história oficial, como afirma o autor. Com a intenção de criar uma Contra-História da Filosofia,³ Onfray opõe-se a uma filosofia idealista, espiritualista e ascética, em favor de uma filosofia materialista, sensualista, atéia e corporal. Nesta contra-história, Onfray traça uma galeria de retratos intelectuais, na qual é referido, para além de Demócrito; Diógenes, o cínico, e Lucrécio, os filósofos que têm sido frequentemente marginalizados. O

materialismo hedonista segue esta trajetória à medida que Onfray contrapõe-se abertamente ao ideal ascético e ao platonismo. Seu pensamento não pode ser tomado como uma obra acabada, um sistema filosófico, pois ainda está em construção. Talvez por isto, seja possível observar pontos em que o materialismo hedonista não se sustente, deixando lacunas a serem preenchidas com o próprio desenvolvimento de sua obra.

Pensar a ética hedonista, num mundo marcado cada vez mais pelo consumo descartável e pelo prazer fácil e imediato que o capitalismo pós-industrial tem produzido é uma tarefa ousada a qual Michel Onfray se coloca. Seu desafio está em estabelecer as vias que possibilitem a superação do niilismo contemporâneo, o que torna seu materialismo hedonista uma rica e atual resposta às questões de nosso tempo. É possível traçar paralelos entre a ética hedonista e uma postura anarquista sem cair no lugar comum, que elegem o prazer e a rebeldia como virtudes banais ou egoístas? Neste propósito, Onfray tem reunido em seus estudos elementos para uma moral hedonista que está em permanente articulação com uma forma singular e libertária de atuação que ele define como “o rebelde”. Esta noção está mais bem definida em “A Política do Rebelde”, livro de vertente mais política do autor. Onfray defende a rebeldia como uma forma possível de ação libertária no presente através de um *devoir revolucionário dos indivíduos*. A partir dos acontecimentos de Maio de 1968, Onfray vê o surgimento de uma ruptura epistemológica capaz de dividir, entre o velho e o novo, o homem e o humanismo de um lado e o indivíduo soberano apto a governar-se do outro lado. O surgimento de um ser singular e livre-pensador é entendido por ele, como um incessante movimento de transformação.

Ao utilizar a figura conceitual do *Condottiere*,⁴ amparado por uma interpretação peculiar e própria da filosofia nietzschiana, Onfray lança mão de uma estética existencial hedonista. Esta noção está esboçada na for-

ma como o autor elege a elegância e o prazer como virtudes para a elaboração do próprio estilo, que se dará sob a elaboração da sua própria estátua, ou melhor dizendo, sob a confecção de uma *escultura de si*. Retirar e extrair do objeto para alcançar no epicentro o autêntico da obra, é o papel do escultor que fará de sua vida a matéria-prima de sua invenção. O *Condottiere* busca esculpir sua própria estátua, dar seus contornos e formas, na construção de uma vida artista que se dê no cotidiano. Isto está esboçado na afirmação do autor sobre seu personagem conceitual: “O *condottiere* pratica uma moral elevada e de afirmação, uma inocência, uma audácia e uma vitalidade que transbordam. Sua ética é também uma estética: às virtudes que amesquinham, ele prefere a elegância e a cortesia, o estilo e a energia, a grandeza e o trágico, a prodigalidade e a magnificência, o sublime e a eleição, o virtuosismo e o hedonismo — uma autêntica teoria das paixões destinada a produzir uma bela individualidade, uma natureza artística cujas aspirações seriam o heroísmo, ou a sanidade que permite um mundo sem Deus, desesperadamente ateu, esvaziado de tudo, exceto das potencialidades e das decisões que o fazem expandir-se.”⁵ Esta arquitetura de si, a fabricação de si mesmo como obra de arte será, portanto, a ética defendida pelo filósofo, que buscará extrair da estética da existência a estetização da vida. O autor defende ainda, a criação de novos modos de vida e de novas formas de agir, de pensar, de posicionar-se, enfim, de constituir a singularidade no exercício da diferença e na busca do prazer como elementos constituintes do materialismo hedonista.

É desta forma que, segundo Onfray, o *Condottiere* procura estabelecer uma postura libertária e hedonista em relação à existência. Longe da imagem que historicamente marcou a figura do *Condottiere* como um mercenário, o autor o concebe como um condutor de sua própria existência, um artifice na habilidade de se conduzir, numa tentativa de se realizar como homem completo: um soldado guerreiro na construção de seus

caminhos. Esta criação de rotas construídas a partir da elegância e do prazer estará baseada na articulação com os objetivos e interesses do outro. Sua busca, portanto, está apoiada numa aritmética de prazeres que leve em consideração um constante cálculo entre o *eu* e o *outro*, assim como possibilite construir uma bela individualidade praticada no exercício da vida cotidiana. Sua idéia fixa lugar numa estética da existência que reverencia o exercício do prazer como fio condutor para esculpir a própria vida, com ares artísticos libertários.

O materialismo hedonista defendido por Michel Onfray busca nos atos conscientes o exercício do prazer enquanto valor moral. Para isto, o autor procura na história da filosofia, em personagens como os cirenaicos, os cínicos, os pensadores do Livre-Espírito e o Marquês de Sade, entre outros, os elementos que possam compor uma moral que não se funda apenas nos prazeres sensíveis ou imediatos, mas nos prazeres mais amplos, onde o Bem como afirmamos está baseado em valores estéticos e artísticos. De todas estas correntes filosóficas, a escola cínica será especialmente importante para Onfray. O autor identifica seu personagem com Diógenes e seu temperamento para o desprezo das convenções sociais estabelecidas como verdades. Segundo ele, o *Condottiere* apresenta atitudes resgatadas do cinismo grego, quando coloca: “O filósofo cínico carrega em si uma incurável vontade de dizer não, de desmascarar o conformismo através de hábitos. O cínico é a figura emblemática do autêntico filósofo definido como ‘a consciência crítica da (sua) época’.”⁶ Ao defender esta atitude, Onfray quer valorizar o hedonista como aquele que tenta desfazer em sua luta cotidiana toda uma tradição de passividade, abandono do corpo e valorização do sagrado. O autor, assim, elabora uma moral resolutamente ligada à exaltação da vida enquanto excesso transbordante, onde o júbilo e a elegância sejam os guias daqueles que buscam esculpir sua própria existência.

O materialismo hedonista de Michel Onfray defende uma filosofia de valorização do corpo por inteiro. Desta forma, os cinco sentidos são recuperados a serviço dos prazeres e elevados à condição de uma pragmática contra uma tradição de abandono do corpo no pensamento ocidental. Segundo Onfray, o platonismo foi quem primeiro legitimou o dualismo: a submissão da carne ao ideal de uma forma universal. O inteligível e o espiritual como visão idealista, desprezam o sensível, o corpo e o prazer. Depois, a tradição judaico-cristã, onde o processo de evangelização não poupou a apologia da renúncia de qualquer utilização sensual do corpo, visto como algo impuro e desprezível.

Ao adotar a interpretação nietzschiana de que “o cristianismo é o platonismo para o povo”, o autor procura examinar a influência da tradição platônica e seu dualismo sobre a moral cristã, onde a alma ganha espaço sobre o sensível, e com isso, se estabelece um processo de distanciamento da realidade. Segundo Onfray, esta moral manifesta-se por um abandono do corpo, do sensível, do real, em favor da alma, das idéias, de um além-mundo. Michel Onfray identifica esta “transmissão” como a principal responsável pela negação do corpo e do prazer. Sua crítica volta-se especialmente contra a moral cristã, considerada por ele como “uma máquina de fazer anjos”⁷, na medida em que torna o prazer corporal desprovido de intensidade e legitimado pela Igreja apenas na esfera do casamento monogâmico. Pensar, portanto, uma ética voltada à eleição do prazer significa confrontar-se com esta tradição, assim como voltar-se para uma filosofia do corpo que busque combater este dualismo. Em seus estudos, Onfray concentra boa parte de suas críticas às religiões, defendendo a noção de incompatibilidade entre a existência de Deus e a liberdade. O materialismo hedonista assume assim, uma postura radicalmente atéia colocando-se contra o espírito religioso que, segundo ele, busca o laço que vincula e prende pela piedade, pela caridade e pela submissão.

Onfray elabora a noção do hedonista como um ser libertário que encontra no outro, elementos que se conjugam aos seus, para o exercício da diferença e da autonomia. Quer também combater a noção que associa o hedonismo a condições egoístas e banais, para valorizar o exercício da singularidade e da individualidade, apenas possível de realizar-se na interação com o outro. Seguindo sua argumentação, afirma que o prazer individual só tem sentido de constituir-se no intercâmbio e na troca que se faz presente na existência, num jogo de permanente busca de simetria. Está aí um importante elemento de tensão no pensamento de Onfray, quando defende o individualismo e ao mesmo tempo busca conjugá-lo à alteridade. Segundo ele, estabelecer uma possibilidade de gozo sem prejuízo ao outro é uma das questões que o materialismo hedonista pretende discutir. A amizade, dessa forma, é o caminho encontrado pelo autor para uma relação que se pretende horizontal, combatendo desigualdades e compartilhando prazeres; e entendendo que é através do outro, e com o outro, que cada um extrai sua própria experiência. Quando esta regra de troca e equilíbrio se desfaz ou se desequilibra, segundo Onfray, ocorre falta de simetria e falta de ética, o que leva conseqüentemente para uma tendência ego-cêntrica. Assim, na relação com o outro, o materialismo hedonista irá propor um cálculo dos prazeres, buscando estabelecer uma troca em busca de afinidades eletivas. No alto das possibilidades das virtudes, a amizade é eleita pelo autor como a mais soberana e afirmativa das formas de relação com o outro. Ela é eletiva, na medida em que se dá por livre associação, num encontro que passa ao lado do jogo social. A amizade instala-se numa comunidade de pessoas concordantes por escolha mútua, sempre provida de uma carga de afetividade. Fundada na cumplicidade, ela tende a tornar-se a justa medida do exercício de uma vida libertária sob a perspectiva do materialismo hedonista.

Michel Onfray defende uma prática existencial que se dê na imanência, constituída de uma ética hedonista

e capaz de construir uma postura afirmativa e libertária diante da vida. Seu materialismo hedonista defende a imagem do guerreiro, guiado pela vontade de criar sua existência trágica e livre. Para o autor, a atitude anárquica do *Condottiere*, o levará a criar seus caminhos sem que necessite hierarquizar sua vontade sobre qualquer outro, assim como não aceitará ser subalternizado. O materialismo hedonista, segundo Onfray, é antes de mais nada uma aposta numa ética afirmativa: “O hedonista dirá Sim à vida, ao júbilo, ao gozo, ao prazer, à felicidade, à alegria, à satisfação, ao agradável. Depois dirá Não a tudo o que entrave sua positividade escolhida. Não ao sofrimento, à dor, à renúncia, à frustração, ao desagradável. A linha reta será o caminho que leva aos meios de realizar a afirmação: a energia, a tensão, a força, a vontade, em suma, o consentimento à vida e à saúde que percorre o corpo.”⁸

Para Onfray, o hedonista criará suas rotas, por vezes solitárias, por vezes compartilhadas junto a outros. No entanto, sua atenção está dirigida a estabelecer espaços libertários, capazes de criar relações horizontais e baseadas em valores que estejam distantes da moral do cristianismo. Radicalmente ateu, inscreve-se no real diante de si, negando qualquer forma de transcendência. Também materialista o que lhe importa é a matéria percorrida por fluxos de energias e forças. Seu desígnio é confrontar-se com o que diminui sua potência e tenta enfraquecer sua luta, para enfim, encontrar seu caminho.

O materialismo hedonista coloca-se em defesa de uma justa medida, lançando-se no combate às formas de poder que pretendam formar relações verticais. É assim que Michel Onfray assume uma postura militante por uma arte de viver construída pela filosofia e pela interpretação do mundo através da razão e da reflexão e também por um ateísmo sólido e engajado, distante de todo niilismo. Sua obra procura deixar em evidência um materialismo alegre, libertário, sensual e feliz.

O encontro da moral hedonista com o anarquismo quer ampliar como vimos, esta vontade de viver o prazer, em suas mais variadas formas, de maneira completa e intensa, sem o prejuízo da autonomia de nenhuma das partes envolvidas na relação. O cruzamento entre o hedonismo e a estética da existência como forma de esculpir o próprio estilo, encontra na atitude libertária uma maneira de atuar horizontalmente, rompendo hierarquias e imposições de caprichos egoístas. Esta atualização do pensamento anarquista proposta pelo filósofo é a forma encontrada por ele para contrapor-se aos micro-fascismos do cotidiano. A amizade como afirmamos é eleita como princípio virtuoso de uma relação hedonista, inscrevendo-se no campo das sociabilidades libertárias e distantes dos dogmas universais; projeto ousado que mostra como o autor pretende estabelecer sua crítica e sua postura diante da atualidade.

Por ser uma obra em desenvolvimento, ainda há lacunas na proposta filosófica de Michel Onfray, no entanto, esta tem apresentado uma relevância cada vez maior na filosofia francesa contemporânea, seguindo a herança e os caminhos abertos por Nietzsche. O propósito aqui é apresentá-lo como pensador atual, capaz de fornecer respostas originais às questões de nosso tempo. Como afirmamos seu pensamento ainda requer amadurecimento e densidade para poder sustentar-se como um sistema filosófico. Seu desafio, assim, será constituir este aprimoramento, para que o materialismo hedonista possa de fato estabelecer as condições necessárias para o enfrentamento ao niilismo.

Notas:

¹ Em <http://perso.orange.fr/michel.onfray/accueilup.htm>, qualquer pessoa pode ter acesso ao programa das aulas gratuitas que são oferecidas na Universidade Popular dirigida por Michel Onfray. O filósofo conta com a participação de vários outros pensadores, envolvidos num projeto em torno de uma pedagogia libertária.

Prazer e rebeldia

² Michel Onfray. *A Política do rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro, Rocco, 2001, p. 14.

³ Estão publicados dois volumes de uma coleção que pretende atingir ao todo seis livros. Foram lançados na França em 2006 os livros: *Les sagessees antiques - de Leucippe à Diogène d'Oenanda*, éd. Grasset, fév. 2006 e *Le christianisme hédoniste - de Simon le magicien à Montaigne*, éd. Grasset, fév. 2006.

⁴ Os *condottieri* (no singular, *condottiere* – do italiano “comandante”, derivado por sua vez do latim *conducere*, “conduzir”) eram líderes mercenários empregados pelas cidades-estado italianas durante a Idade Média (principalmente nos séculos XIV e XV). Surgiram a partir da necessidade de defesa das cidades italianas, em constante rivalidade. Michel Onfray se utiliza da descrição do *Condottiere* apresentada por André Suarès, *Le Voyage du Condottiere*, onde o autor descreve com elegância e destreza a obra de Verrochio, autor da escultura de Bartolomeu Colleoni, importante *Condottiere* em Veneza. O conceito de *Condottiere* aqui utilizado deve-se essencialmente a essa visão estética e não a dimensão histórica dos chefes de guerra mercenários da Itália renascentistas.

⁵ Michel Onfray. *A escultura de si: a moral estética*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro, Rocco, 1995, p. 19.

⁶ Michel Onfray. *O ventre dos filósofos*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 1990, p. 29.

⁷ Michel Onfray. *A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 161.

⁸ Michel Onfray, 1999, op. cit., p. 240.

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir o materialismo hedonista presente na obra de Michel Onfray. Filósofo francês contemporâneo, Onfray estabelece sua proposta ética baseada em elementos que entende o bem como sendo moldado por valores estéticos. Apoiando-se na figura do seu personagem conceitual, o Condottiere, Onfray parte para a elaboração de um projeto filosófico singular, no qual adota a elegância e o prazer como bússolas em direção à estética da existência de forma afirmativa e jubilosa. Partindo dos caminhos traçados por Onfray ao encontro do materialismo e da crítica ao ideal ascético, será abordada sua proposta hedonista no presente. Ao situar-se como um “nietzschiano de esquerda”, o autor busca a excelência, a grandeza e a aceitação do caráter trágico da existência como forma de superação do niilismo contemporâneo, através do exercício da singularidade e da eleição hedonista.

Palavras-chave: materialismo hedonista, ética, estética da existência.

ABSTRACT

The aim of this text is to debate the hedonist materialism found in the work of Michael Onfray. The contemporary French philosopher draws his ethical subject based on elements that take “The Goodness” as something built up by ethical values. Adopting the ideal figure of the Condottiere, as the main character on his work, Onfray has begun the development of a particular philosophical project, where the elegance and the pleasure are the compasses to reach and understand the aesthetic of existence in an affirmative and jubilant way. Following the steps of Onfray in the direction of the materialism and the criticism of the asceticism as an ideal, his hedonist proposal is addressed in the present time. As a “Left wing Nietzschean”, the author looks for the excellence, the greatness and the acceptance of the tragic character of existence as an instrument to overcome the contemporary nihilism through the exercise of singularity and the choice of hedonism.

Keywords: materialism hedonist, ethic, aesthetic of existence.

*Recebido para publicação em 21 de fevereiro de 2008.
Confirmado em 23 de junho de 2008.*